

ESTÁGIO DOCÊNCIA: POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER CIÊNCIAS NATURAIS ATRAVÉS DE CONTOS E DESAFIOS

Patrícia Tessmann¹
Maria Odete da Rosa Pereira²
Berenice Vahl Vaniel³

AS PROFESSORAS DIZEM A SUA PALAVRA

Encarar a turma que chega para os estágios é um desafio à construção do conhecimento, primeiro porque cada pessoa traz consigo uma trajetória única. Sua história de vida, seu aprendizado, concepção de mundo e de educação. Juntar tudo isso numa proposta coesa de atuação nas escolas é parte importante dos nossos objetivos. Torna-se necessário construir com cada um, uma, a sua própria identidade de professora e professor. Dessa forma preparar os discentes para a prática docente significa uma escuta atenta, na perspectiva freiriana o que nos dizem, quais seus anseios e necessidades.

Na educação do campo apresenta-se diversidade cultural de estudantes, o que desafia ainda mais as professoras que buscam desenvolver estratégias de ensino comprometidas com as populações do campo.

Neste sentido, torna-se importante o relato da estagiária que ousou trabalhar com UA (Unidade de Aprendizagem) dedicando-se a construção do conhecimento através de contos e personagens que representam a vida real e diversa apresentando os conteúdos de forma significativa e compreensível aos estudantes das escolas.

Os estágios na LEDOC (Licenciatura em Educação do Campo) são permeados por relações entre a disciplina de estágio docência, conduzida pela professora de didática e a orientação de conteúdo é realizada por parte do corpo docente da LEDOC, de acordo com a necessidade dos discentes, seja nas ciências naturais ou agrárias. Neste caso a professora que orientou o conteúdo da experiência aqui relatada, propôs a metodologia de UA (Unidade de Aprendizagem) o que resultou nas reflexões abaixo descritas.

REFLEXÕES E INDAGAÇÕES INICIAIS DE UMA DISCENTE EM ESTÁGIO DOCÊNCIA: CHEGOU A HORA DO ESTÁGIO, QUE ESCOLHAS FAZER?

A partir das reflexões sobre as observações realizadas com a turma na qual iria realizar meu estágio, pude compreender a sede dessa turma por algo novo. Percebi que ela tinha o desejo que eu, ao realizar meu estágio, ou seja, sair do modelo das aulas engessadas com base nos livros didáticos e provas. A turma demonstrava vontade de fazer algo diferente, e eu percebia que ela precisava ser provocada para expressar a sua criatividade e desenvolver o seu senso crítico. Desta forma, comecei a investigar o que fazer para desenvolver os conteúdos de Ciências Naturais, que foram destinados pela supervisão pedagógica da escola para serem trabalhados no período do Estágio Supervisionado Docência I.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: ênfase em Ciências da Natureza e Ciências Agrárias da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, paty_tessmann@yahoo.com.br;

² Professora de didática da Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Campus São Lourenço do Sul, mariaodete@furg.br;

³ Professora orientadora: Doutora em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande - FURG, bvaniel@furg.br.

Pimenta (2012) afirma que o estágio tem por finalidade possibilitar aos licenciandos/as uma aproximação com a realidade na qual irão atuar futuramente como docentes. A partir de Pimenta (2012), entendo que o estágio supervisionado torna-se importante para estabelecer esse contato direto com a comunidade escolar. Senti-me aproximada com os discentes e envolvida essa ao necessitar escolher as metodologias educativas, os recursos pedagógicos, os conteúdos e os objetivos de aprendizagem. Enfim, foram muitas as decisões tomadas, a partir da reflexão e do ouvido atento para o que os/as discentes me diziam. Só consegui tomar as decisões sobre essas questões quando me dei conta do que quero partir da minha ação docente, que é possibilitar que eles/as sejam capazes de ler a sua realidade e intervir nela de forma consciente.

De acordo com o conceito de *ação docente*, a profissão de educador é uma *prática social*. Como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso por meio da educação que ocorre não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino. Isso porque a atividade docente é ao mesmo tempo *prática e ação*. (PIMENTA, 2012, p.41)

Como diz Pimenta (2012), a ação docente é uma prática social, é uma forma de intervenção na realidade social dos/as discentes. Então, decidi elaborar aulas diferentes das habituais, isto é, aulas que envolvessem os/as discentes em seus processos de aprendizagem. Acredito que eles/as estavam pedindo algo novo, organizado a partir de desafios e com um fio condutor que possibilitasse a eles relacionar o que estavam estudando na escola, na disciplina de Ciências Naturais, com suas vivências.

Sendo assim, optei por construir uma Unidade de Aprendizagem (UA) baseada em Galiazzi, Garcia e Lindemann (2004), voltada para a participação ativa dos/as discentes na construção dos seus conhecimentos. A partir de situações do cotidiano deles que, muitas vezes, não têm visibilidade, foi possível aos discentes serem sujeitos de sua própria história como afirma Freire:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história. (FREIRE, 2017, p. 53).

Com Freire (2017), podemos refletir sobre nossa existência e a função do Ensino de Ciências para que não nos deixamos manipular como se fossemos objetos, mas sim estar sempre possibilitando que os conhecimentos construídos pelos/as discentes possam contribuir na autonomia das escolhas conscientes durante a vida.

CONTOS E DESAFIOS: POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER CIÊNCIAS NATURAIS

Explicamos essa experiência do Estágio Supervisionado Docência I como mais um espaço de convivência, de aprendizagem e de formação, desde o planejamento até a execução das atividades com os estudantes. Nessa experiência, fomos incorporando ao nosso fazer o ouvir o outro. Sentia-me mobilizada para desenvolver atividades que chamassem a atenção dos estudantes, que os mobilizassem a querer estudar, que despertassem o interesse deles e que fossem atividades prazerosas.

Ao trilhar esse caminho, foi possível aprender o educar que valoriza e respeita os saberes, as emoções dos discentes, aceitando-os como legítimos nos seus fazeres. Dessa forma, experienciamos um educar que possibilita “que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e respeitar os outros.” (MATURANA, 1998, p. 30).

Ao ensinar a partir do interesse e do prazer do discente, acreditamos que ensinamos através da Biologia do amor, “o fundamento biológico do mover-se de um ser vivo, no prazer de estar onde está na confiança de que é acolhido, seja pelas circunstâncias, seja por outros seres vivos.” (MATURANA, 2004, p. 01). Para possibilitar esse acolhimento aos estudantes, investiguei seus sonhos, o que eles gostavam de fazer e ver, além do que gostariam de realizar. Com isso, surgiram diversas respostas, dentre elas, o envolvimento deles/as com blog, como forma de registro, de diário online.

Então, com a ideia de trabalhar o ensino de ciências de modo investigativo, iniciei as aulas com questões problemas, como forma de provocação para instigá-los/as a pensarem e a resolvê-las com o conhecimento que possuem. Assim, surgiu a ideia de escrever contos com o contexto vivido pelos/as estudantes. Para isso, contei com o apoio de minha sobrinha Érica Bonow Tessmann, uma adolescente, que fez sete personagens de uma família (Imagem 1) com um pai alemão, uma mãe negra, uma filha negra, um filho adotivo cadeirante, uma avó negra, além de uma blogueira ruiva e um seguidor gordinho do blog.



Imagem 1: Filho adotivo cadeirante, irmão, mãe, pai, avó, seguidor do blog e blogueira.

Fonte: Produção de Érica Bonow Tessmann

A ideia de criar os personagens foi para contemplar, dar visibilidade e valorizar a diversidade de famílias, de ser, de viver e estar no mundo, pois “A diversidade social e cultural, a pluralidade étnica e racial são hoje o desafio daqueles que não querem ser apenas pessoas que ensinam, mas querem também educar.” (GUSMÃO, 2000, p. 24).

Assim, como diz Gusmão, não podemos estar em um espaço que há uma grande diversidade e não considerá-las, é preciso que esses/as se sintam contemplados/as e respeitados/as, e não tratados/as como se fossem todos/as iguais. Além disso, cada um/a ali presente nesse espaço escolar, ou em outro, tem sua origem, história e cultura que deve ser respeitada e valorizada, para que não se percam suas raízes e valores para tentar se encaixar em uma sociedade dominada por homens brancos. Esse é mais um desafio que nós, futuras docentes, precisamos trabalhar para que, com pequenas atitudes, possamos acolher e respeitar a identidade de cada um/a.

Dessa forma, buscamos cumprir, como diz Chassot a nossa responsabilidade maior no ensinar Ciências que

é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos, em homens e mulheres mais críticos. Sonhamos que, com o nosso fazer educação, os estudantes possam tornar-se agentes de transformações - para melhor - do mundo em que vivemos. (2018, p.77).

Com o autor, percebemos nosso importante papel no ensino de ciências, através da pesquisa e da construção/reconstrução do conhecimento. Por conseguinte, provocando um olhar e um pensar mais amplo.

A partir dos desenhos prontos e conteúdo de aula já elaborado, montei um primeiro conto, a partir do cenário de um blog, o qual problematizava a questão sobre a energia que chega à nossa casa, através de um diálogo entre os/as personagens. Em cada aula, eu levava um texto de apoio sobre o conteúdo a ser trabalhado e um conto com o diálogo e a problemática relacionada ao que estávamos trabalhando para os/a discentes resolverem. Incentivava-os/as a usarem seu senso crítico, criatividade e, muitas vezes, incluía a

necessidade de interação com seus familiares, buscando trazer para a sala de aula os seus saberes. A seguir trago o primeiro conto.

Luíza tem tido muitas dúvidas sobre vários assuntos e isso a deixa inquieta. Um dos temas que a deixa pensativa são os vários meios de geração de energia elétrica, e para dividir suas inquietações ela posta várias perguntas em seu Blog.

E aí galerinha do Blog Lulu.com! Hoje o assunto será sobre a “Luz que chega a nossa casa”. Vocês já se perguntaram de onde vem a energia elétrica que usamos em nosso dia-a-dia? Quais são as fontes dessa energia? Será que a energia elétrica que chega a nossa casa tem apenas uma fonte? Quais são as fontes de energia utilizadas pelas distribuidoras de energia elétrica? E essas fontes, causam algum impacto ao meio ambiente? O que são energia renovável e não renovável? Pois é galera, são muitas perguntas, será que conseguimos responder? Espero pela ajuda de vocês!

Com essas dúvidas rondando seu pensamento Luíza foi à procura de respostas, entro em contato com a distribuidora de energia elétrica de sua cidade (São Lourenço do sul) para obter mais informações sobre o assunto. Para sua surpresa ela descobre que a energia que chega a sua casa, pode vir de muitos lugares e de vários tipos de geração de energia. Ela ficou encantada pelo assunto e foi pesquisar cada tipo de geração de energia que pode estar abastecendo sua cidade e também as outras demais cidades. Mas, no meio dessa descoberta surgiram outras dúvidas. – Mas porque de tantos tipos de geração de energia? – Para que tanta energia elétrica? – Isso deve acarretar impactos ambientais! Mas se existe energia renovável, por que utilizar as não renováveis? Vamos ajudar Luíza a responder suas inquietações? (Conto/desafio: Luz que chega a nossa casa, de autoria de Patrícia Tessmann)

O diálogo entre os/as personagens possibilitou que os/as estudantes se envolvessem pelo tema estudado. Em cada aula, eles/as queriam participar sendo um personagem, montavam um teatrinho e se divertiam com as falas, entre uma fala e outra, discutíamos o assunto, construindo conhecimentos de forma prazerosa.

Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós e que nos fazem ver a impossibilidade de *estudar* por *estudar*. De *estudar* descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos que ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheio de nós e nós dele. (FREIRE, 2017, p.75)

Portanto, segundo Freire (2017), não podemos separar o estudo da realidade do mundo, deixando-o à parte como se isso fosse possível. É preciso unir o estudar à vida de cada um/a para que possamos nos sentir pertencentes a todos os espaços que frequentamos, sem estar alheio aos acontecimentos.

Com o desenvolvimento da UA, a partir da escrita dos contos, que buscavam incentivar os/as discentes a elaborarem seus questionamentos, suas hipóteses, posso afirmar que fiz minhas primeiras ações no campo da docência, na área do ensino de ciências, buscando vivenciar uma abordagem investigativa. Isso possibilita a análise dos aspectos associados ao conhecimento que os/as discentes trazem de sua vivência sobre o tema estudado: fontes de energia. As aulas consistiram em diversas atividades desenvolvidas em sala de aula (com conto, leitura, discussão e elaboração de pequenos textos) e fora dela, onde os/as discentes levavam essa problemática para casa com o objetivo de trazer seus familiares de alguma maneira para essa dinâmica, promovendo um diálogo em família e refletindo as evoluções que ocorrem ao decorrer dos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os contos, o conhecimento prévio de cada discente foi sendo exposto e valorizado por meio da construção e reconstrução dos saberes. As atividades foram elaboradas de maneira diversificada e flexíveis com pesquisas articulando as questões teórica e prática, a partir dos questionamentos feitos pelos/as discentes. Nesse sentido, está se contextualizando os aspectos da vida dos envolvidos. Esses saberes são a base da aprendizagem, que é usada dentro e fora da escola.

Portanto, é importante organizar as atividades para que possamos fornecer condições significativas para vida do estudante e o mundo que o rodeia. Considero que usar os contos e questionamentos promove aos/as discentes a exposição de seus conhecimentos e, com essa perspectiva, consegui desenvolver um trabalho em que eles/as puderam ter uma nova experiência com os contos. Por conseguinte, emergiu um novo olhar para o estudo de ciências, apesar de ser em um curto período, foi plausível possibilitar aulas bem diferentes das habituais.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado de Docência I; contos, ensino de ciências, aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa: 55º.** ed- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GUSMÃO, N. M. M. Desafios da diversidade na escola. **Revista Mediações**, Londrina, v. S, n.2, p.9-28, 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9158>> Acesso em: 30 mai. 2019.

GALIAZZI, M. C.; GARCIA, F. A.; LINDEMANN, R. Construindo caleidoscópios: organizando unidades de aprendizagem. In: Roque Moraes; Ronaldo Mancuso(org.). **Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores.** 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. p. 65-84.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente: 8º.**ed- São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência: 7º.**ed- São Paulo: Cortez, 2012.

CHASSOT, Attico. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação: 8º.** ed. Ijuí: Unijuí, 2018.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política:1º.**ed-Belo Horizonte, UFMG, 1998.